

PARA ALÉM DO MILAGRE DO JUAZEIRO: sofrimento como sacralização do espaço, o caso dos Ave de Jesus - Juazeiro do Norte

Roberta Bivar Carneiro Campos

Resumo

Este artigo pretende explorar o caso etnográfico em que um espaço, uma cidade, ganhou identidade calcada numa simbólica do sofrimento, estreitamente ligada ao *ethos* tradicional católico e camponês, que ainda parece resistir ao processo de urbanização/globalização. Juazeiro do Norte é conhecida como a Terra da Mãe de Deus, terra de misericórdia, do compadecimento. O que se destaca aqui é que, para além do evento "milagre do Juazeiro", o processo identitário do lugar se faz por meio de práticas religiosas que constituem a atualização 'ritualística' de imagens bíblicas.

Palavras-chave

Imagens bíblicas. Sofrimento e identidade.

BEYOND THE MIRACLE: suffering as sacralization of the space, the case of The Ave de Jesus - Juazeiro do Norte-CE

Abstract

The aim of this paper is to analyze an ethnographic case in which a space, a town - Juazeiro do Norte that is known as the Mother of God's Land, a land of mercy and of sorrow -, has developed an identity based on symbolism of suffering related to traditional Catholic and peasantry ethos, which still seems to be resistant to processes of urbanization/globalization. It is argued that the town's identity process develops not only through what is called the "miracle of Juazeiro". Actually, it takes place through religious practices (penance) which mean a ritual actualization of representations and categories of morality closely linked to Biblical images.

Keywords

Bible images . Suffering and identity.

Juazeiro do Norte, no Ceará, como tantos outros santuários, fornece exemplo de uma religiosidade fabricada a partir de uma multiplicidade de práticas e sentidos. Do ponto de vista do ritual e do aspecto devocional a Padre Cícero e Nossa Senhora das Dores e sua significação, podemos dizer, no entanto, que romeiros, pedintes, membros de irmandades e gupos religiosos performam o drama da redenção. De acordo com Eade & Sallnow (1991, p. 10), cada peregrinação é uma maneira de reproduzir o sacrifício de Jesus. E é através deste ato de representação que os devotos de Padre Cícero fazem uso de um rico simbolismo do sofrimento, que é, no meu entender, a principal referência simbólica de seu modo de vida e identificação com o lugar. Os milagres e aparições são partes fundamentais dos santuários de peregrinação, observando-se na literatura a centralidade da análise da sacralização do lugar por meio destes fenômenos. A dimensão mítica e simbólica de certos elementos ligados ao espaço, como terra, árvore, pedra, etc., é sempre destacada (ver Eliade, 1996). O presente artigo inclui na análise o sofrimento como tendo papel fundamental na produção do sagrado, no contexto de Juazeiro do Norte.

Juazeiro é um dos maiores santuários em território brasileiro, atraindo anualmente milhares de penitentes e romeiros de várias regiões do Brasil. A sua própria fundação, como cidade, deu-se em função das romarias e devoção a Padre Cícero Romão Batista. Muitos de seus moradores chegaram como peregrinos, para lá se fixar, contribuindo para a expansão populacional e vocação comercial do lugar. Muitos foram não só residir, trabalhar, viver em Juazeiro, mas também contribuir para a consolidação de uma prática religiosa, a penitência, como tradição cultural.

Se por um lado os turistas, como muitos moradores do Juazeiro, entendem que os penitentes são fanáticos, loucos ou "idiotas", por outro, para um grande número de moradores eles são os verdadeiros devotos de Padre Cícero, religiosos que vivem na caridade e têm misericórdia por aqueles que sofrem. Para além de toda essa heterogeneidade, existe uma idéia geral-podíamos até arriscar, consensual (SAHLINS, 1999) - de que os penitentes fazem parte de uma longa tradição histórica e cultural do Juazeiro (CAMPOS, 2006). Os penitentes são, por exemplo, utilizados pela mídia para exemplificar

o que é ser sertanejo, e como emblemas de identidade cultural regional. Políticos e administradores públicos acionam tais grupos como forma de atrair turistas. E mesmo aqueles que não fazem penitência entendem que os penitentes e romeiros representam e expressam um valor cultural.

Foi dessa forma que Juazeiro do Norte tomou-se uma atração turística, tanto religiosa como profana. Apesar da conexão com novas demandas externas, de amplitude macrossocial, como turismo, indústria cultural (cinematográfica, em especial), o que prevalece, em seu contexto, é o *ethos* local (misericórdia, sofrimento, etc.) e imagens sagradas enraizadas no lugar. Mais particularmente na história de sua fundação, observa-se que a forte presença de tais práticas e crenças constitui uma verdadeira tradição cultural (CAMPOS, 2006). Pretendo neste artigo fazer uma incursão na relação entre sofrimento e sacralização do espaço, encrumbando essa relação como parte fundamental na produção de uma Juazeiro mítica e sagrada para além do milagre', sem que com isto esteja negando a importância deste. Ao contrário, estou chamando a atenção para o papel dos penitentes e do sofrimento na atualização do mesmo e na reprodução de suas categorias e representações, bem como de seus significados.

IOs Ave de Jesus

Não se sabe ao certo datas e trajetórias pessoais, pois quem entra para esta comunidade passa por ritual, chamado "batismo na cruz", quando queimam documentos oficiais (carteira de identidade, certidão de nascimento, CPF, etc.) e renascem com outro nome. De qualquer forma o pouco que se conta é que foi nos idos dos anos 1970 que José, líder da comunidade de penitentes Ave de Jesus, migrou para o Juazeiro junto com a sua costela, Regina, acompanhados por Nosso Senhor Jesus Cristo. José contou que Padre Cícero colocou em seu coração o desejo para que fosse à Terra da Mãe de Deus - como tomou-se conhecida Juazeiro do Norte. Chegando lá, José e Regina conheceram uma penitente, a quem chamam "Mãe Ângela (Anja) do

1 Em 1889, na primeira sexta-feira de março, a beata Maria Araújo (1863-1914) caiu em transe ao receber a hóstia de Padre Cícero durante a missa. É dito também que as hóstias sangravam.

Horto", que teria dito a eles para viverem da mendicância, chamarem a si mesmos Maria e José e vestirem azul e branco lembrando as dores de Nossa Senhora. A partir de então José tomou-se mestre por sua liderança espiritual e carisma. Regina e todos os que a eles se juntaram tomaram-se padrinhos e madrinhas, sendo tratados por comadres e compadres. Mais tarde Mãe Ângela do Horto seria reconhecida por eles como Nossa Senhora.

Desde então, mestre José vive no Juazeiro em companhia de Padrinho Cícero e Nossa Senhora Mãe das Dores. Mestre José é um homem alto para o padrão nordestino, a despeito da deformação em sua coluna vertebral. Certamente a deformação física de mestre José desempenha um papel importante em sua liderança, visto o sofrimento físico adquirir contornos sagrados em contexto de romarias (EADE; SALLNOW, 1991). Entretanto, é a sua habilidade em lidar com as palavras e tomar o mundo significativo que o faz um homem especial:

O nosso corpo é luz e sol. O nosso corpo ... num foi feito da terra? Num foi? E a terra num é geográfica? A terra não é também marca de luz, da lua, da frieza, do gelo, num é? Então nosso corpo é Sol e Lua. O vento é aspiração. [...] a vida do espírito é permanente, clara como a luz do sol. Então, nós aqui neste mundo devemos trabalhar em vida permanente, clara; para mode [sic] de esse Sol receber nosso espírito. Para nós andar nele. Nós somos luz, nós somos Sol... pela geografia nós somos luz e sol, a nossa matéria.

Maria é a Estrela D'aiva, luz do dia, que toda às três horas ela tá começando a iluminar seus campos, e os passarinhos, todos os animais das serras, dos bosques [...]

Mestre José também me contou que o Sol lá em cima no céu é Deus, que clareia o dia e permite as plantas crescerem e darem frutos. Mas Deus é também o mesmo Sol, a grande estrela que seca as plantas levando o povo à fome e ao sofrimento. O Deus de quem fala mestre José é sem dúvida um deus moral; um deus heróico e impiedoso que, ao mesmo tempo que cria, destrói num violento ato de justiça. E mais, o homem e a natureza estão ligados desde o primeiro ato da criação, feitos da mesma matéria, como acredita mestre José, e estão fadados ao mesmo destino.

Desde o ato da criação a ordem divina foi estabelecida no mundo e mantida através do cumprimento da vontade de Deus, encontrada na Bíblia, fonte da Lei e sabedoria. No entanto, os homens têm-se corrompido pelo desejo material (sexo, dinheiro, etc.) e pelos sentimentos a ele associados (inveja, vaidade, etc.), o que os tem levado a um estado de desordem e sofrimento. Tanto a desordem social como a natural são para os Ave de Jesus resultantes da ação humana. A falta de chuva e outras catástrofes na natureza (pragas, doenças, etc.) e a desorganização social (violência, acidentes, conflitos familiares e com vizinhos, etc.) são provenientes da ação do homem, que tem se distanciado da ordem divina. Toda essa desordem, seja natural ou social, é entendida como sinal da aproximação do Final dos Tempos:

- É chegada a hora do fim dos tempos, e tudo quanto Deus falou... tá acontecendo. São os sinais do fim da geração.
- E quando vai acontecer?
- Mas se já tá acontecendo! A senhora quer ainda mais horror do que o que já se vai discriminando sobre o globo terrestre para a consumação da Nação? E num vai se acabar no consumo do corpo, e num fica só o espírito? Há de haver, e mais de conhecer tudo isso! É a chuva quem cria. É a nossa Mãe de Misericórdia. Justo que faltando a chuva nos tempos marcados, que Deus marcou, então falta o alento do corpo e jubila a Guerra Mundial: tomar o que é dos outros; é comer de tudo sem distinção; é matar.

Os eventos históricos e do dia-a-dia da comunidade dos Ave de Jesus são assim interpretados por meio do Livro do Apocalipse, ganhando valor e significados religiosos.

Não apenas figuras cósmicas compõem a fala de mestre José a respeito de sua história pessoal, mas categorias de parentesco também aparecem e são constantemente repetidas em suas colocações sobre a realidade ao seu redor, como, por exemplo: pai, mãe, padrinho, madrinha, comunidade de irmãos, etc.

Eu só quero Pai, num quero padrasto. Eu tenho Pai. Eu na terra num tive padrasto, tinha mãe, meu pai morreu. Com seis anos minha mãe morreu, e eu fiquei aqui neste mundo mais Deus, Pai do Céu. O pai da terra, Deus chamou. O

pai, mãe da terra, mãe de carne Deus chamou. Eu fiquei mais o Pai do Céu, esse que num morre nunca, que num se acaba nunca.

É importante notar que relações de parentesco e compadrio têm marcado a base estrutural da sociabilidade na região do sertão nordestino; e que, apesar da intensa urbanização sofrida e de uma certa modernização do processo produtivo e da organização política nesta área, elementos do patriarcalismo continuam presentes no exercício do poder local. De fato, muitos estudos sobre o 'movimento' messiânico no Juazeiro vêm a fé no Padre Cícero como reflexo dessa estrutura social, considerando que, mesmo diante das transformações sofridas, a forma de religiosidade (a fé em meu 'Padinho' Padre Cícero) tem se mantido sem grandes alterações desde a derrocada da aristocracia rural pela burguesia urbana.

Cabe ainda chamar a atenção para a relação entre o simbolismo religioso e as imagens na linguagem dos Ave de Jesus. Imagens, ícones, emblemas não apenas justificam o *status quo* como recriam e estruturam a socialidade que o sustenta. Não se pode deixar de notar também que as comunidades messiânicas no Sertão (Canudos, Caldeirão) tiveram como elemento central de sua fundação e integração social um simbolismo religioso.

A figura do Padre Cícero como um *padrinho* é uma boa alegoria para se demonstrar como uma imagem religiosa está associada a uma forma particular de socialidade expressa e legitimada na visão de mundo dos Ave de Jesus. Diferentemente da figura do padre, Padre Cícero ia além de suas atribuições sacerdotais. Não apenas ele realizava serviços religiosos, como também dava conselhos de ordem pessoal e auxiliava os fiéis em questões materiais (ensinava-lhes um ofício, ajudava em problemas de saúde, intervinha em brigas pessoais, etc.). Assim, enquanto os padres normalmente permanecem dentro da esfera sagrada, Padre Cícero ultrapassava os limites desta, combinando-a com os aspectos profanos da vida. Essa forma de estabelecer relação com os fiéis tomou Padre Cícero um *padrinho* ('padinho'): alguém que zela pelas questões religiosas de seus afilhados e, como um pai, cuida também dos seus problemas materiais e emocionais.

Tal imagem do Padre Cícero, entre os Ave de Jesus, está intimamente associada à forma política de organização social baseada num sistema de reciprocidade de favores e obrigações, onde o sagrado e o profano ainda não

se separaram. Na visão de mestre José, o Estado deveria ser governado por uma figura *Pai-Rei*, que tomaria conta dos brasileiros com amor e justiça. Um pai, mestre José defende, olha por seus filhos, sustenta-os e protege os desvalidos e sofredores: "Deus é consolação dos sofridos. Deus é chefe-rei dos abandonados. Deus é Pai dos desgraçados, dos miseráveis [...]"

O modelo ideal paternalista de mestre José promete assim uma justiça social que ele não encontra nos dias de hoje. A forma de socia(bi)lidade baseada em relações de parentesco (autoridade, lealdade, reciprocidade, etc.) está de alguma maneira associada à concepção monárquica do mundo dos Ave de Jesus. Deus é *Pai* e *Rei*; Maria é *Mãe* e *Rainha*; além do que toda a Bíblia é uma espécie de história de reis e clãs. Para mestre José a separação entre a Igreja e o Estado pode ter acontecido historicamente, mas a monarquia permanece ainda como valor e sustenta uma verdade: "Olhe, minha filha, foi batizado é brasileiro. Agora, sendo pagão ele não é brasileiro. Para Deus num é nada. [...] Jesus fez o homem santo ... e o homem pecou para nós haver: o mundo. Então tinha de haver a República, a conformidade do engano da serpente [...]"

É por esta razão que entendo que *padrinho*, *pai* e *rei* são categorias culturais que pertencem à linguagem dos Ave de Jesus. De fato, muitas palavras derivadas de tais *categorias* aparecem na fala quotidiana de mestre José, Assim, o que parece para nós, antropólogos, um simples recurso metafórico é, em verdade, uma rica linguagem figurativa que fala não só de homologias e semelhanças, mas também, e principalmente, de uma visão de mundo e de sua verdade.

De fato mestre José usa a palavra *rei* de várias formas, por exemplo, para falar de relações de gênero, parentesco e de eventos (bíblicos e históricos)²:

A senhora num disse que é casada? Num tem seu marido?
Olhe aí. Na república... No tribunal dos reis a senhora
num podia fazer esse serviço [refere-se ao fato de eu estar

² A distinção entre eventos bíblicos e históricos não faz sentido para os Ave de Jesus. O tempo para esses penitentes tem um significado semelhante àquele dado por Joaquim de Fiore na Idade Média, ou seja, existiriam três períodos históricos da humanidade: o tempo do Pai, do Filho, e do Espírito. Para os Ave de Jesus estaríamos vivendo no tempo do Filho (tempo da palavra e da salvação, e que está prestes a se acabar) .

trabalhando e morando distante do meu marido. Je esse outro que ele tá fazendo. Ele quem fazia pra sustentar a senhora... os panos de sua casa. Ele é o rei da senhora. Jesus é Rei de nós todos.

A linguagem dos Ave de Jesus expressa assim uma visão de mundo em que o homem, a natureza e o profano estão infundidos e projetados numa dimensão sagrada, de tal forma que eles acreditam viver em um espaço e tempo bíblicos'.

Naquele tempo do Pai num se salvou ninguém não. Ele mandou o profeta Noé pregar... ele pregou cem anos... num se converteu nenhum, quer dizer que não se salvou nenhum de cento e sessenta e cinco trilhões e meio. Aí ficou para esse novo texto... aí no novo texto taí desse jeito!

2 Sofrimento e sacralização do espaço

Mestre José nos descreve uma Juazeiro mítica e sagrada - a única descrição verdadeiramente possível de Juazeiro na sua visão e de muitos romeiros que vão à Terra da Mãe de Deus por devoção ao Padre Cícero. Com certeza a visão dos Ave de Jesus de Juazeiro é bem diferente de uma geografia profana, que Eliade (1996) chama de "objetiva" e abstrata, apenas um espaço sem formas essenciais, nem conhecido nem habitado. Certamente Juazeiro não é tal espaço para Marias e Josés Ave de Jesus. Ao contrário, Juazeiro é essencial e concretamente infundida pelo sagrado e manifesta o extraordinário.

Eles também dizem, como muitos outros romeiros, que todos os eventos bíblicos aconteceram em Juazeiro do Norte: o começo dos tempos, a Paixão de Cristo e sua Ressurreição. Eles não só afirmam tais eventos como apresentam provas materiais para as suas crenças. Por exemplo, Maria e José deixaram suas pegadas no solo de Juazeiro; Padre Cícero é dito ser Jesus reencarnado; Madrinha Ângela (Anja) do Horto era a Virgem Maria. O que chama a atenção nessas crenças é que todas revelam uma construção simbólica por meio de imagens concretas, eventos e personagens históricos do Juazeiro

³ Ver nota de rodapé anterior.

do Norte. Imagens que não podem ser separadas do espaço, do lugar; melhor dizendo, imagens que estão profundamente enraizadas na história e no espaço de Juazeiro do Norte (CAMPOS, 2004).

O sofrimento tão marcadamente presente na fala dos Ave de Jesus também se faz presente na fala de muitos outros sertanejos. E em suas narrativas o sofrimento humano é a expressão da vontade divina, toma forma tangível e visível, como, por exemplo, os longos períodos de seca. A estiagem é associada ao pecado e ao seu castigo. Por outro lado, a seca, incluindo todo o processo de desorganização cultural e social dela decorrente - a perda da terra, deixada para trás no deslocamento para áreas urbanas, no litoral, no sul do país, com a esperança de achar um trabalho, mas encontrando humilhação e dor -, é sacralizada, toma-se a *via crúcis* de um povo. O crente, quando em peregrinação causada pela seca, está de alguma forma exemplificando a Paixão de Cristo. A seca como um fenômeno com elementos tangíveis - aridez, calor, o sol, etc. - é um sinal de sofrimento, que conta (um)a estória de redenção materializada na paisagem do sertão.

"Senhor tende piedade de nós" não é apenas um refrão na prece Salve Rainha, mas a vida de parcela da gente do Sertão. Fazer uma súplica a Deus é parte do processo de sofrer, e sofrimento é o único caminho para a salvação. Como mestre José disse, "Penitência é a luz que salva as almas do inferno!". Penitência é também um modo de vida que representa, ou melhor, realiza e atualiza a vida de Cristo, a Bíblia.

A idéia de sofrimento, e suas imagens, é tão fortemente ligada à história de Juazeiro do Norte que é comumente dito que ela é a terra da Misericórdia. De fato, a 'imagem' da penitência pertence a uma longa tradição histórica e cultural do Juazeiro, desde a sua fundação.

Como já observei em artigo anterior, o nome a se destacar na tradição da penitência no nordeste brasileiro (Ceará) é Padre Ibiapina (1806-1883), que fundou as Casas de Caridade. Fazia parte dessas Casas uma ordem secular também criada por ele, chamada "Beatos". Os beatos eram normalmente recrutados das classes populares, passavam por um treinamento rígido, vestiam hábitos e faziam votos de castidade e pobreza (ANDERSON, 1970; DELLA CAVA, 1970; PAZ, 1998).

Padre Cícero continuou o trabalho de Ibiapina, todavia à sua maneira. A continuidade da tradição, evitando a perseguição da Igreja, exigia mudanças. Apesar das beatas de Padre Cícero fazerem o voto de castidade, não viviam

enclausuradas, ou sob o mesmo teto, afastadas de suas famílias. Ao contrário, elas moravam em suas próprias casas; algumas trabalhavam para sua sobrevivência, outras recebiam ajuda financeira de Padre Cícero. Entre as beatas destaca-se Maria Araújo, figura central nos eventos extraordinários ocorridos em 1889, que ficaram conhecidos como o "Milagre de Juazeiro" (ver nota 2). Apesar das mudanças nas Casas de Caridade do tempo de Ibiapina para o tempo de Cícero, as beatas e beatos continuaram a expressar o mesmo *ethos* dessa instituição. Misericórdia, piedade, castidade e obediência eram qualidades psicológicas exigidas (PAZ, 1998).

Não se pode esquecer Antônio Conselheiro, que talvez tenha sido o mais famoso dos beatos influenciados pelos ensinamentos de Ibiapina. Além de Conselheiro, outros também tiveram destaque histórico, como Zé Lourenço, líder do movimento de Caldeirão (Juazeiro do Norte - CE) e Pedro Batista, conhecido como o conselheiro que deu certo, líder do movimento messiânico de Santa Brígida (Bahia). Existiram ainda aqueles que não fundaram comunidades, viviam perambulando, rezando e mendigando. Os mais conhecidos são o beato da Cruz e o beato Francelino, ambos contemporâneos de Padre Cícero. A existência desses beatos, que viviam por sua própria conta, levou muitos estudiosos à interpretação de que, na virada do século XX, essas ordens religiosas teriam entrado em declínio (ANDERSON, 1970). Entretanto, desde a época dos primeiros missionários, passando por Padre Ibiapina até Padre Cícero, grupos e comunidades combinaram penitência, crenças milenaristas e messiânicas. Os Serenos, o beato Zé Lourenço, beato da Cruz, beato Francelino, a beata Maria Araújo e a comunidade de Caldeirão marcaram a cidade de Juazeiro nos tempos mais remotos. E ainda nos dias de hoje, em Juazeiro do Norte e em seus arredores, muitos penitentes que não têm qualquer relação com a Igreja podem ser vistos e ouvidos, vestidos como beatos, praticando a mendicância e sustentando crenças milenaristas.

Se, por um lado, é verdade que essa prática sofreu transformações na forma e no sentido, por outro, estas de modo algum significaram o seu declínio, mas o contrário: a própria possibilidade de sua continuidade (CAMPOS, 2006). E hoje esses grupos messiânicos - que no século XIX representavam uma ameaça à ordem e foram violentamente reprimidos pelo Estado - são vistos como uma espécie de patrimônio cultural, com potencial turístico.

Todos esses beatos e penitentes tomam parte no processo simbólico de sacralização do espaço, conferindo à cidade de Juazeiro do Norte a

'titulação' de Terra da Mãe de Deus. Entretanto o efeito simbólico da sacralização do espaço, no contexto de peregrinação do Juazeiro, é bem diferente daquele dos santuários de aparição mariana fortemente marcados pela presença do Movimento Carismático, analisados por Segato (2000), Steil (2001) e Carneiro (2003). De acordo com estes pesquisadores, esse catolicismo apresenta-se numa condição pós-moderna, de modo que o *ethos* local, identificado como popular e camponês, é sobreposto por um *ethos* carismático, separado de quaisquer referências territoriais. O que percebo em Juazeiro é ainda a prevalência do *ethos* camponês, onde sofrimento e misericórdia ganham destaque na devoção a Padre Cícero.

Referências

- ANDERSON, James ChameI. 1970. *The Caldeirão Movement: a case study in Brazilian messianism, 1926-1938*. Tese (Doutorado) - The George Washington University.
- CAMPOS, Roberta Bivar C. 2002. A Compadecida no Juazeiro do Norte: performance de imagens bíblicas e emoções entre os Ave de Jesus. *Ilha*, Florianópolis, v. 4, n. 1, p.115-132.
- — —. 2003. Utopia e sociabilidade: imagens de sofrimento e caridade no Juazeiro do Norte. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 46, n. 1, p. 211-252.
- — —. 2004. Quando o final dos tempos chegar: o uso de uma linguagem apocalíptica e negociação de significados entre os Ave de Jesus. In: MUSUMECI, L. (Org.) *Antes do fim do mundo: messianismos e milenarismos no Brasil e na Argentina*. Rio de Janeiro: UFRJ. p.144-166.
- — —. 2005. Para além da dominação. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v.25, n.1, p.117-130.
- — —. 2006. Penitência como cultura: penitência, "herança cultural" e modo de vida no Juazeiro do Norte-CE. *Interseções*, Rio de Janeiro, ano 8, n.2, p.111-126.

- CARNEIRO, Sandra M. C. de Sá. 2003. Caminho de Santiago de Compostela: percurso, identidade e passagens. In: BIRMAN, P. (Org.) *Religião e espaço público*. São Paulo: Attar (Coleção de antropologia: movimentos religiosos no mundo contemporâneo).
- DELLA CAVA, Ralph .1970. *Miracle at Joazeiro*. NewYork; London: Columbia University Press.
- EADE, John.; SALLNOW, Michael J. 1991. *Contesting the sacred: the anthropology of Christian pilgrimage*. London; New York: Routledge.
- ELIADE, Mircea.1996. *Imagens e símbolos: ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso*. São Paulo: Martins Fontes.
- HEELAS, Paul.; LOCK, Andrew. 1981. *Indigenous psychologies: the anthropology of the self*. London: Academic Press.
- LE GOFF, Jacques. 1997. Laughter in the MiddleAges. In: BREMMER, 1.; ROODENBURG, H. (Eds). *A cultural history ofhumour*. Califomia: Polity Press.
- PAZ, Renata M.1998. *As beatas do Padre Cícero: participação feminina leiga no movimento sócio-religioso de Juazeiro do Norte*. Juazeiro do Norte: IPESCIURCA.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de Queiroz. 1973. Os penitentes. In: _____. *O campesinato brasileiro*. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Edusp. p.171-176.
- SAHLINS, Marshal.1999. *Ilhas de história*. Rio de Janeiro: Zahar.
- _____.2004. Experiência individual e ordem cultural. In: _____. *Cultura na prática*. Rio de Janeiro: Editora UFR1.
- SEGATO, Rita L.; ALMEIDA, Tania M.; PECHINCHA, Mônica. 2000. *Las dos Virgenes brasileiias: local y global en el culto mariano*. Brasília: UnB/Departamento de Antropologia. (Série Antropologia, 271).
- STEIL, Carlos Alberto. 1996. *O sertão das romarias*. Petrópolis: Vozes.

_____. 2001. Aparições marianas contemporâneas e carismatismo católico. In: SANCHIS, Pierre (Org.). *Fiéis e cidadãos: percursos de sincretismo no Brasil*. Rio de Janeiro, EdUERJ.

_____. 2001. **Catolicismo** e cultura. In: VALLA, Victor Vicente (Org.). *Religião e cultura popular*. Rio de Janeiro : DP&A.

TURNER, Bryan .1987. Rationalization of the body: reflections on modernity and discipline. In: WHIMSTER, S; LASH, S. (Eds), *Max Weber, rationality and modernity*. London : Allen and Unwin.

VELHO, Otávio. 1995. *Besta-Fera*. Rio de Janeiro : Relume-Dumará.